

## **A educação para além do capital**

Lucas de Vasconcelos Soares<sup>1</sup>

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Tradução: Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

István Mészáros, nasceu em 19 de dezembro de 1930 e faleceu em 01 de outubro de 2017, em Budapeste. Foi um filósofo húngaro e integra o quadro de importantes intelectuais marxistas da atualidade, realizando em seus trabalhos um movimento dialético na relação capital, trabalho, educação e luta de classes, em defesa da transformação social, superando as bases hegemônicas, excludentes e alienantes, da sociedade.

Oriundo de família humilde e criado pela mãe, operária, ao longo de sua adolescência, por questões de necessidade, Mészáros também se tornou um trabalhador – operário – cuja experiência real do trabalho como instrumento de dominação e alienação do capital é retratada em suas obras. Com o fim da Segunda Guerra, em 1945, passou a dedicar-se melhor aos estudos, defendendo sua tese de doutorado em 1954. Foi a partir de sua condição de operário que teve acesso e sucesso nos estudos que o autor passou a defender a educação como forma de superação das desigualdades e de emancipação social. No decorrer dos anos produziu uma série de obras significativas, destacando-se como um estudioso de Marx, defendendo a transformação social a partir da luta de classes e da educação, rompendo com a lógica capitalista consolidada.

De suas principais obras, o livro “Educação para além do capital”, nosso objeto de análise, é fruto de um ensaio escrito por Mészáros para a Conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação, realizado em Porto Alegre no ano de 2004. Apresenta como elemento central a defesa de uma educação contra hegemônica que ultrapasse as barreiras postuladas pelo sistema dominante, o capitalismo, culminando no fortalecimento da luta coletiva em prol da transformação dos sujeitos e da sociedade.

Partindo de três epígrafes (de Paracelso; José Martí; e Karl Marx), o autor inicia suas discussões no sentido de apresentar e/ou reforçar uma compreensão crítica sobre o potencial transformador da educação, se compreendida como um instrumento de acesso ao mundo do conhecimento, de influências e emancipação social, de reversão das condições desiguais e de capacidade de formação crítica dos indivíduos. Apesar das contribuições mencionadas, não se pode abandonar o amplo desafio posto para a efetivação deste processo e o alcance de uma prática transformadora, pois visibiliza-se que sua condução pelo capital tem assumido um formato de domínio, controle e ideologização dos discursos de mercado. O que vemos é a educação formal imbricada nos anseios do capital, excluindo qualquer relação de cooperação com a educação da vida, a educação que se dá fora do ambiente escolar, minimizando possibilidades de mudanças sociais positivas aos sujeitos.

Na primeira seção do texto, ao tratar do capitalismo como mal incorrigível e os impactos deste sistema na educação, revela-se uma regra geral fixada na sociedade: a não contestação das ordens advindas do capital em prol de seu crescimento e expansão, inviabilizando, assim, qualquer mudança que favoreça a classe dominada no sentido de sua transcendência, projetando no trabalho um processo de dominação, alienação e escravização a serviço do crescimento econômico das forças dominantes de poder. Na educação formal, a exemplo, é possível vislumbrar estes percursos se analisarmos os tipos de currículos, políticas e prescrições, ambos direcionados à satisfação das necessidades mercadológicas. Portanto, de nada adianta reformar

---

<sup>1</sup> Licenciado em Pedagogia. Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA). Especialista em Gestão Escolar. E-mail: lukasluph123@gmail.com

a educação, com belas e utópicas propostas, sem mudar, antes de tudo, as condições históricas alienantes da sociedade, ou seja, suas bases que, por natureza, decorrem da essência capitalista.

Os posicionamentos do autor nos ensinam duas questões: a reconhecer que estamos diante de uma crise estrutural do capital, o que já inviabiliza contemplar uma atuação em perspectiva mais justa; e a compreender que a crise é importante porque desmascara a realidade e revela contradições, não devendo colecionar ilusões em torno do discurso salvacionista das reformas. É em torno dessa segunda perspectiva que precisamos caminhar, em revelar contradições e, a partir destas, constituir possíveis percursos que gerem mudanças, rompendo com uma crise de longa duração, expansível e contínua. Logo, acreditar nas reformas como resposta à transformação social é permanecer alienado aos interesses do capital, já que a base da sociedade vem consolidando-se como irreformável sob o domínio de um sistema incorrigível que, em suas opções, ou impõe-se, mantendo sua essência, ou perde sua condição histórica de dominação social. Assim, como reformar o irreformável? Como contestar o incontestável? O desafio é amplo, porém, Mészáros segue apontando saídas.

Na segunda seção, diante da impactante afirmativa de que “as soluções não podem ser formais: elas devem ser essenciais”, Mészáros critica alguns desvios operantes na educação formal no decorrer dos anos, com explícito doutrinamento alinhado aos interesses e à expansão do capital, o que não deixa de estar presente atualmente na educação pelas reformas e novas demandas projetadas sobre o ensino, articuladas por setores políticos, jurídicos, parlamentares e midiáticos, tornando a realidade do autor tão contemporânea e real. A esta condição associa-se a falsificação da história como alternativa de garantir a impetuosidade do capital e silenciar possibilidades de mudanças e organização das classes dominadas. Daí a importância do movimento histórico de compreensão da educação, trabalho e luta de classes em suas totalidades, resultando na organização coletiva articulada com a realidade.

Desse modo, o conceito de internalização, já retratado por Mészáros, ainda se torna preocupante na educação, principalmente para aqueles que defendem uma educação como elemento potencializador da ação humana, pois visualiza-se nas escolas um “efeito dominó” de fetichismos que reforçam a hierarquia de poderes e a divisão desigual de classes, moldando a educação como instrumento de manobra das massas em detrimento do capitalismo e das agendas impostas por organismos internacionais. Romper com esta condição nunca foi tão urgente em tempos de desmontes, retrocessos e privatização do ensino público, porém, só será possível uma mudança a partir de uma compreensão histórica, engajamento coletivo e articulação com as demandas sociais. Por enquanto, assistimos à domesticação dos estudantes para o impetuoso mercado.

No que tange à finalidade central, de compreender a educação para além dos limites do capital, o autor insiste na inviabilidade de a educação formal fornecer elementos necessários a uma transformação radical da sociedade, justamente porque se encontra, assim como o Estado e as leis, a serviço do capital, ou seja, é determinante que as soluções não devem ser formais (prescritas), mas essenciais (significadas, experienciadas e contrapostas a uma situação de desconforto social), buscando sempre a totalidade do processo. Sob tais evidências, precisamos pôr fim às crenças reducionistas e ideológicas que glorificam as leis e/ou reformas. Todavia, apesar de ideológico, é possível, pela constituição de movimentos contra hegemônicos, efetivar o que regem as prescrições, pois, se analisarmos a educação sob a lógica da contradição, ao mesmo tempo em que é favorável ao capital também apresenta uma possibilidade de emancipação dos sujeitos sociais.

Na terceira seção do texto, ao criticar a internalização como elemento fundante do ser social e de sua atuação no sistema vigente, o autor projeta a possibilidade da aprendizagem contínua como instrumento para a vida e de construção social dos indivíduos, o que justificaria a necessidade de integrar a educação formal com os conhecimentos sócio-histórico-culturais do aluno. No entanto, a questão que está posta não é apenas integrar, mas sim moldar a

internalização do capital, afunilando os amplos conhecimentos e articulando-os aos interesses coletivos que corroborem a uma transformação da realidade, rompendo com a lógica mistificadora do sistema, com a patologização do mercado e o resgate da visão do trabalho como elemento formativo e potencializador de vida. Esse movimento, se bem explorado, tem poder decisivo no alcance de uma condição liberadora dos sujeitos, até então, alienados.

Como já citado, as reformas não devem ser glorificadas, mesmo sob o entusiasmo de mudanças, devendo desmistificar também as políticas de formalidades na educação que, segundo o autor, inviabilizam a transformação social e reforçam condições de dominação, favoráveis ao projeto de nação. É preciso dar um passo à frente no sentido de romper com a internalização dos discursos salvacionistas, pois, modificando a internalização em busca da emancipação social, o capital pode e será quebrado. Portanto, não só reclamar, mas contra internalizar os elementos fundantes do capital, adquirindo uma contra consciência, fatores decisivos para mudanças sociais e educacionais. Para isso, é necessário estabelecer ligações do ensino com a vida social, ou seja, intercambiando processos contraditórios e realísticos que poderão culminar no alcance das aspirações emancipadoras (termo defendido por Mészáros).

Na quarta seção, é visível uma possibilidade na educação, cumprindo os percursos anteriores (de contra internalização e integração com a vida social), de transcender a autoalienação do trabalho e os moldes excludentes do capital. Para o autor, a alienação do trabalho, como autoalienação escravizante, tem sido decisiva para manter o sistema impetuoso, mesmo depois de tanto tempo. Contudo, resgatando sua contra internalização, no sentido formativo, significativo e transformador, é possível recuperar aquilo que está sendo trancafiado por discursos e ações. Um passo importante mostra-se na contestação das políticas implementadas, já que estas têm sido consolidadas como formas de alienação por excelência das ordens existentes.

Tais discussões nos levam a refletir sobre as atuais organizações educacionais e suas relações internas no processo educativo, visibilizando a hierarquização de funções, os conflitos e o cumprimento das determinações governamentais, mesmo com o discurso democrático consolidado como premissa do ensino no país. Confere ao aluno, elemento fundamental desse processo, o mínimo de importância e visibilidade, tornando a escola como espaço de modelamento social em prol das necessidades do sistema. Daí o desprezo pela indisciplina dos estudantes e por algumas modalidades educativas, como educação especial, indígena, quilombola, a exemplo, já que estas, na lógica do sistema de produção, não são rentáveis. Outra vez revela-se o Estado e suas prescrições a serviço das forças dominantes, secundarizando o compromisso com o social.

Portanto, as discussões apresentadas por Mészáros nos possibilitam ampliar a compreensão em torno do que está sendo propagado e implementado na educação, permitindo reconhecer a nossa realidade, nossas demandas e nossos anseios, buscando identificar contradições que gerem percursos para possíveis mudanças. Esse é o sentido de uma educação para além do capital, posta a uma mudança de compreensão, práticas, valores e transformações, ultrapassando a condição de crise e desigualdades e alcançando o que, por direito, deve ser preservado: a dignidade, o acesso e a usufruidade das conquistas sociais. Assim, o grande desafio de transformação educacional é, simultaneamente, transformar a condição social, alcançando um contexto amplo e emancipatório. O percurso é longo, desafiador, conflituoso, porém, urgente e necessário em tempos de perdas no bem público maior: os direitos.

## **REFERÊNCIA**

MÉSZÁROS, István. *A educação para além do capital*. Tradução: Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.